

APRESENTAÇÃO

Preocupada com as questões próprias da teoria da história, isto é, com os fundamentos e os princípios da ciência da história, a *Revista de Teoria da História* alcança agora o seu terceiro número. Inseridas no vasto campo da reflexão sobre os fatores constituintes da história como ciência; encontram-se neste último número, especificamente, reflexões sobre os *métodos*, os *interesses* e as *funções* da ciência histórica.

Tratando dos *métodos*, Pedro Spinola Pereira Caldas, em *Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa Histórica: reflexões sobre uma experiência didática*, e Sírley Cristina Oliveira, no artigo *A experiência estética de Hans-Georg Gadamer e a vivência de Wilhelm Dilthey: contribuições da hermenêutica aos estudos da história*, apresentam reflexões sobre uma das operações substanciais da pesquisa histórica: a hermenêutica.

Pedro Caldas trata da aplicabilidade do método hermenêutico na prática de pesquisa e do modo como este método pode ser ensinado a alunos da disciplina Teoria e Metodologia da História. Para tanto, aproveita as contribuições de Droysen para apresentar e demonstrar a viabilidade das quatro etapas da interpretação histórica: a pragmática; a interpretação das condições; a psicológica e a interpretação das idéias.

Sírley Cristina Oliveira busca as relações entre a Hermenêutica e a História a partir das obras de Dilthey e Gadamer. Fundamentando a importância da operação hermenêutica para a História, a autora chega à percepção da inevitabilidade de se obter variadas interpretações sobre o passado humano.

Além destas análises sobre uma das operações substanciais da Ciência Histórica, encontram-se neste número, alguns artigos que tratam sobre o uso das fontes na pesquisa histórica.

No artigo *História e literatura: algumas considerações*, Valdeci Rezende Borges, por exemplo, analisa as relações entre História e Literatura, apresentando, a partir de um diálogo especial com a historiografia francesa, elementos metodológicos para a utilização da literatura como documento na pesquisa histórica.

Kleverson Teodoro de Lima, no artigo *Cartas, história e linguagem*, problematiza a utilização das fontes epistolares na pesquisa histórica, identificando dois conceitos importantes para o trabalho com a prática epistolar privada: o conceito de “performatividade”, identificado nos estudos de Roger Chartier, e o de “expectativa de significado”, presente nos escritos de Patrick Charaudeau.

Em *As gravuras mexicanas do Museu de Arte de Santa Catarina: entre aparição e nostalgia*, Lucésia Pereira analisa um conjunto de gravuras doadas pelo presidente mexicano Adolfo Lopes Mateos ao acervo do então Museu de Arte Moderna de Florianópolis em 1961, através do qual desenvolve um debate sobre as relações entre história, arte e imagem.

As contribuições do método histórico-filosófico de Foucault e do método histórico-sociológico de Weber também são apresentadas em dois artigos distintos. No artigo *Foucault, o método histórico-filosófico de pesquisa e sua contribuição para a Metodologia Científica das Ciências Humanas*, Fernando Gaudereto Lamas e Ramon Mapa da Silva discutem as contribuições metodológicas do filósofo francês para as ciências humanas, entendendo que o método histórico utilizado por este autor possibilita a emancipação do saber de suas amarras positivistas. Em *Max weber historiador, a indologia weberiana frente ao historicismo alemão*, Arilson Silva de Oliveira apresenta o modo como Weber

utiliza seu método teórico particular para analisar a sociedade indiana. O texto analisa o rompimento de Weber com o evolucionismo e com o pensamento hegeliano, sua retomada de Kant e sua leitura particular do historicismo, rebatendo, sobretudo, as críticas ao suposto eurocentrismo weberiano em sua análise sobre a Índia, e reforçando a atualidade do método weberiano para a ciência histórica.

Para além dos métodos da pesquisa histórica, as reflexões sobre a história elaboradas por Leon Tolstói são analisadas no artigo *Interpretação do Processo Histórico em Leon Tolstói*, de Gustavo Morais Barros. Com o mérito de, primeiro, analisar o pensamento histórico de um autor que teve suas reflexões sobre a história ignoradas ou subestimadas, e, segundo, de se opor àquelas interpretações que enxergam somente um “fatalismo histórico” nas percepções do escritor russo, Gustavo Barros apresenta uma visão instigante sobre a aproximação entre *Lei* e *contigência* no pensamento histórico tolstoiano.

Nas reflexões a respeito dos *interesses* e das *funções* da História, encontramos neste número, alguns artigos que trazem contribuições para pensarmos a orientação da história na vida prática.

O artigo de Julio Bentivoglio, por exemplo, *Cultura política e historiografia alemã no século XIX: a Escola Histórica Prussiana e a Historische Zeitschrift*, apresenta-nos uma contextualização da historiografia germânica do século XIX, enfocando os vínculos entre os historiadores, no processo de especialização e cientificização da história, e a ação política no contexto de formação do Estado nacional alemão. O artigo contribui, desta forma, para a percepção do modo como a história é produzida a partir de um debate vivo com a sociedade alemã. Ao mesmo tempo, nos ajuda a superar a imagem comum, reduzida, esquemática e caricatural de que esta historiografia se reduzia a um só personagem, Franz Leopold Von Ranke, e a uma grande máxima, a de “narrar os fatos como aconteceram”.

O artigo, *A História como Sagesse*, de Joana Duarte Bernardes, analisa as mudanças sofridas no axioma “*História Magistra Vitae*” a partir da transformação da perspectiva temporal. Contextualiza o axioma em sua perspectiva clássica, judaico-cristã e moderna, e propõe a superação dos excessos de anacronismos e presentismos para se alcançar uma historiografia que tenha, de forma assumida e responsável, uma função pragmática.

Ainda em uma análise sobre as *funções* da História, o artigo *A utilização da História no decorrer da Conquista da América*, de Adailson José Rui, analisa o uso político da História nos discursos sobre a Conquista da América do século XVI e XVII. O autor identifica o modo como cronistas/historiadores utilizavam a história como forma de legitimar tanto suas posições pessoais quanto determinadas posições de grupo.

Já no artigo *A temporalidade na condição pós-moderna*, Dagmar Manieri retoma o tema da crise da razão moderna ao analisar as transformações da noção de tempo motivadas pela pós-modernidade. Traçando uma longa trajetória da razão moderna, que o autor inicia com uma análise da filosofia da História de Hegel, identifica a renúncia pós-moderna da concepção de *transcendência* como um dos elementos centrais da crise da razão.

Além destes artigos, este número da *Revista de Teoria da História* apresenta na seção NOTAS DE PESQUISA, o texto *Que vença o melhor argumento: as notas de rodapé como artifício argumentativo em Casa Grande & Senzala*, de Eliézer Cardoso de Oliveira e Vanessa Carnielo Ramos. Os autores traçam uma trajetória da utilização das notas de rodapé no texto histórico, apontando o modo como, para além das funções metodológicas, elas possuem uma função retórica importante. As notas de rodapé devem ser entendidas como estratégias argumentativas utilizadas pelos historiadores para reforçar seus argumentos, seja aproximando-os dos argumentos de outras obras, seja distanciando-os de posições contrárias. É a partir desta percepção que analisam as notas de rodapé

do clássico livro de Gilberto Freire, entendendo-as como mais do que um mero apêndice ao texto.

Por último, neste número encontra-se uma entrevista com o historiador Sérgio Ricardo da Mata, professor de Teoria da História da UFPO (Universidade Federal de Ouro Preto), realizada por Daniele Maia, Flávio Silva e Frederick Gomes.

Rafael Saddi